

Dançar para sustentar a potência de um corpo plural

Entrevista com Rosemeri Rocha da Silva¹

Participação de Juliana Alves² e Paula Petreca³ do Ladeira a Bausch – Podcast sobre dança⁴

Mariah Sumikawa Spagnolo⁵

JULIANA ALVES: A nossa conversa hoje vem dessa ponte que o Cinco Danças⁶ criou, das cinco bailarinas que atuaram, sendo que cada uma delas tem uma carreira grandiosa.

PAULA PETRECA: Pensando nessas conversas sobre a obra Cinco Danças, este também é um espaço para aprofundarmos um olhar para uma criação artística. Eu pesquiso história da dança e tenho muito interesse por documento e por arquivo. Meu grande lugar de aprofundamento foi, em primeiro momento, na história do balé, onde, quando a gente acessa, temos uma riqueza de registros, desde as partituras, as notações, os desenhos, os diários e, mais recentemente, as fotos e os vídeos. E quando a gente olha a dança moderna e a dança contemporânea, depende muito do interesse do próprio artista em documentar o seu trabalho. É algo que não tem essa estrutura que, pelo menos, a historiografia do balé trouxe.

189

¹ Rosemeri Rocha da Silva é Doutora e Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Docente do colegiado do curso de Licenciatura e Bacharelado em Dança desde 1996 da Universidade Estadual do Paraná/FAP, atualmente diretora do Centro de artes. Faz parte do colegiado do Mestrado Profissional em Artes. Coordena o Grupo artístico e Projeto de Extensão: UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR.

² Juliana Alves é bailarina, professora, pesquisadora, artesã e artífice da dança na infância.

³ Paula Petreca é bailarina e professora de história da dança.

⁴ Esta entrevista foi realizada em parceria com Juliana Alves e Paula Petreca do Ladeira a Bausch – Podcast sobre dança. Para ouvir na íntegra, acesse o episódio 85 – Dançar para sustentar a potência de UM Corpo Plural – Rosemeri Rocha no youtube ou Spotify.

⁵ Mariah Sumikawa Spagnolo é Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes da UNESPAR, Especialista em Antropologia cultural pela PUCPR, Bacharel e Licenciada em Dança pela UNESPAR. Integrante do UM – Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP.

⁶ “Cinco danças” é uma obra dirigida por Fernando de Proença, que contou com cinco danças solo de 5 bailarinas da geração dos anos 1960, apresentadas em sequência, entre intervalos, na cidade de Curitiba entre os dias 17 de junho e 3 de julho de 2022.

Desde o ano passado eu comecei uma pesquisa sobre os artistas modernos no Brasil e fui ficando super decepcionada com a escassez de registro. Por outro lado, curiosa por pensar alternativas para mudar esse panorama. A gente tem pensado muito o Ladeira⁷ como esse espaço para criar um registro em áudio. Claro que podemos ter os vídeos da conversa, mas, da minha pesquisa com documento, quanto mais mídias a gente tem (se temos a foto, o áudio, o escrito), por mais que todos digam a mesma coisa, num futuro, onde todos nós já não estejamos aqui, isso pode ser fundamental para um exercício de memória.

Essas conversas, a voz, a palavra, o som das coisas têm um espaço de importância e interesse. E eu sendo de São Paulo, que é um lugar que sinto que olha muito para si mesmo por conta da maneira como se coloca no território nacional, acho que é uma riqueza saber da história da dança do Paraná através dessas pessoas e das impressões de vocês.

Então, Mariah, você também como pesquisadora e vindo aqui hoje, fiquei super animada e feliz por saber que você pode estar contribuindo com a gente e a gente contribui com você. Estou entusiasmada para essa conversa de hoje!

190

MARIAH SPAGNOLO: Venho percebendo também cada vez mais a importância de registrarmos a história desse grupo, que aqui em Curitiba é tão importante. Ele já tem 35 anos atuando na cidade com artistas, pessoas de vários lugares e tendo um fluxo muito intenso de profissionais da área da dança e também de outras áreas que acabam se encontrando ali.

E mesmo conversando com pessoas de outras cidades, eu percebo isso que você falou sobre a falta de registros. Nós, que somos pesquisadores da área, precisamos registrar nosso próprio trabalho e de colegas também para criar essa documentação. Eu vejo essa possibilidade futura de começar a escrever mais sobre o trabalho de colegas que vejo, admiro e que, infelizmente, ainda não são reconhecidos, mas são importantes e fazem total diferença na história da dança do nosso país como um todo.

Realmente é um prazer imenso estar aqui e começar a contribuir de alguma forma para construir um jeito de criar esses registros.

⁷ Ladeira a Bausch – Podcast sobre dança produzido por Juliana e Paula.

JULIANA ALVES: Quando você fala que não tem muito registro, eu vejo que, na verdade, a gente tem muito registro, só que eles ficam sempre ao encargo do diretor ou dos artistas. O que falta é a concentração e espaços democráticos que concentrem e que repliquem, para além de um acervo pessoal. É importante que seja algo democrático, aberto e tenha acessibilidade. Assim eu acho que a gente desdobra isso.

E a sua presença hoje traz um gostinho, por que além de poder fazer um episódio e fazer o que estamos amando fazer, que é proporcionar esse espaço, criar espaço de fala, de escuta e distribuir isso, também se torna um espaço que outras pessoas vem e fazem disso seus lugares também de documentação. Que desdobre! A ideia é desdobrar mesmo! Que bonito pensar que existe documentação, existe acervo, mas eles ficam distribuídos e espalhados em acervos pessoais. Que eles possam se tornar parte de uma história comum!

PAULA PETRECA: Essa discussão é tão importante, Ju! Nessa pesquisa que eu fiz sobre as modernidades, teve um artista que o acervo dela, quando ela morreu já não tinha família, ficou com a família do ex-marido. A família do ex-marido tinha uma relação muito ruim com a arte dele. Quando ele faleceu, tanto o acervo dele, quanto o dela, foram colocados no lixo. Por sorte, algum vizinho se interessou, recolheu esses acervos, viu que tinha um acervo que não era só do artista, mas também de outra pessoa, e foi procurando pessoas dessa família, até que encontrou sobrinhos de 2º grau. Agora esses sobrinhos estão recolhendo o acervo e fazendo esse esforço para tornar o acervo público e deixar de ser familiar.

Essa é uma discussão que a gente deveria tratar com mais cuidado, porque tem muita resistência quando a gente fala de um arquivo, de uma museologia da dança, por conta da ideia de que a dança é uma arte da presença e tudo isso pode fixar e engessar, mas dá para respirar muito nessas discussões com olhar para memória. E, sobretudo, é importante podermos tirar de um apagamento. A quem interessa que a gente não conheça a nossa própria história? A gente sabe muito bem dos modernos dos Estados Unidos, dos contemporâneos da Europa. Tem um lugar bem político para exercitarmos nessa recolha dos documentos ao pensar em arquivo, acervo, memória e museologia.

JULIANA ALVES: Eu sempre volto para essa pergunta: será que o ensino de dança não está muito centrado a algo muito individual? Nós guardamos essas coisas para gente e não entendemos que isso está construindo e está integrando.

Eu participei do bate-papo do lançamento de um documentário da Nó Movimento em Rede⁸ com a presença dos integrantes falando da experiência de dançar e serem profissionais da dança. O bate-papo estava aberto para perguntas e eu perguntei: como vocês se sentem sendo referências como bailarinos, professores para jovens e crianças? E uma das artistas não se via como referência. E isso saltou. Eles já são referência!

E no mesmo grupo tinha uma integrante que falou que a Cláudia, que dançou naquele dia, era sua referência e por isso ela estava ali dançando também. A gente subestima a nossa atuação enquanto estudante e amadores e enquanto participantes ativos na construção de história.

JULIANA ALVES: Vamos começar com você se apresentando e contando para os nossos ouvintes quem é você nessa ladeira, Rose.

ROSEMERI ROCHA: Eu sou a Rose Rocha, sou gaúcha e moro em Curitiba desde 1991. Trabalho com dança desde pequena. Morei depois dos 16 anos em Florianópolis e finalizei meus estudos em dança clássica em Florianópolis. Conheci a dança moderna na faculdade, no curso superior de Dança, que atualmente faz parte da UNESPAR⁹. Esse curso começou na PUCPR¹⁰ com a Fundação Teatro Guaíra. Então, eu me formei pela PUCPR e no 4º ano me formei em licenciatura pelo que já era a Faculdade de Artes do Paraná¹¹. Desde 2013 esse curso faz parte da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná).

Eu conheci a dança moderna, a consciência corporal e a improvisação no curso de dança. Foi meu primeiro contato. Eu tinha apenas dançado um trabalho no

⁸ Nó Movimento em Rede é uma empresa curitibana com propósito social que cria, produz e compartilha arte. Sendo assim, ela atua como um lugar cooperativo entre artistas e outros criativos interessados em produzir inovação social nas mediações entre arte, terapia e educação e em partilhar tecnologias de criatividade e sensibilidade humana.

⁹ Universidade Estadual do Paraná.

¹⁰ Pontifícia Universidade Católica do Paraná

¹¹ A Faculdade de Artes do Paraná atualmente é o *campus* de Curitiba II da Universidade Estadual do Paraná.

final dos anos 90 de dança moderna da Sandra Meyer¹², mas fui conhecer mesmo a técnica de dança moderna na faculdade. Então, durante toda a faculdade eu participei do grupo de dança, que existe até hoje e é este que eu coordeno, que se chama UM – Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da UNESPAR/FAP.

Os quatro anos que eu participei do grupo foram anos bem importantes, principalmente o primeiro ano, porque eu vinha da linha da dança clássica e eu tinha muita dificuldade para compreender a questão da desconstrução do movimento. Eu acho que uma pessoa bem importante foi o Eduardo Laranjeiras, que era um bailarino do Balé Guaíra na época e era o coordenador. Eu me debatia muito com esse contato e isso foi me dando mais impulso para seguir em frente.

Paralelamente, na faculdade eu me encantei pela dança moderna, pela consciência corporal e pela improvisação. E, nesse tempo, também tinha dança clássica na faculdade. Eu nunca tive o biotipo do balé clássico, então sempre fui correndo contra o meu biotipo para me emparelhar na dança clássica. Eu fazia dieta e emagrecia. Quando sai de Floripa estava bem magra. Eu me formei, dancei o *pas de deux*¹³ de *Coppelia*.

Quando eu entrei na faculdade, comecei a engordar muito e comecei a ter mais dificuldade com a dança clássica por conta do peso e também por alguns desgostos, já que eu nunca chegava na perfeição que era exigida. Isso foi me incomodando. Ao mesmo tempo, eu estava me interessando por este outro lugar da dança, do corpo e do movimento. Esses outros caminhos foram me dando mais prazer.

Então, eu me formei e logo eu entrei pelo concurso na Escola do Guaíra em 1995, e em 1996 eu entrei no curso de dança da faculdade. Então, atualmente eu dou aulas no curso de dança desde 1996, também sou professora do Mestrado Profissional em Artes¹⁴ da UNESPAR. Eu sai da Escola do Guaíra em

¹² Sandra Meyer é artista e pesquisadora da dança e professora titular aposentada da Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua no PPGT/UEDESC. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dança, atuando principalmente nos seguintes temas: dança, corpo, teatro, crítica, dramaturgia e dança contemporânea.

¹³ *Pas de deux* significa dança a dois em francês.

¹⁴ PPGARTES

2011. Atualmente, sou uma profissional, uma artista solista e trabalho com orientação e grupos.

JULIANA ALVES: Rose, a ponte que nos traz a esta conversa é a obra Cinco Danças, que é tão relevante na questão da história e da memória recente da dança. E que também levanta questões de qual geração importa na dança e como o próprio trabalho de cada uma de vocês levanta questões. Como foi para você integrar este trabalho, Rose?

ROSEMERI ROCHA: O (espetáculo) Cinco Danças para mim foi um super presente no momento atual. Eu não esperava nada, não tinha expectativas do resultado. Eu estava muito feliz com o processo que começou no final de janeiro. Meu primeiro encontro foi remoto, porque eu estava com covid e estava em Florianópolis. E eu respondi um questionário de quase 100 perguntas em tempo real. Eu achei que demoraria muito tempo para responder, mas passou muito rápido. Então, para mim foi um prazer!

Toda quarta-feira de manhã eu tinha encontro com ele (Fernando de Proença¹⁵, diretor do espetáculo). Os encontros eram separados e cada dia da semana era uma pessoa que tinha encontro com o Fernando. Eu me sentia muito bem, ele me deixou muito a vontade e era muito certo nos direcionamentos. Eu tive um receio porque ele sempre se considerava diretor, e eu me assustei porque não estou acostumada a trabalhar com direção e fazem anos que não trabalho assim. Eu trabalho como dramaturga colabora. Mas foi muito tranquilo, porque, por um lado, eu larguei mão da minha função de propor e organizar e me deixei ser organizada. Foi um diálogo muito bom. Tivemos algumas discussões, inclusive trouxe isso à tona no meio do processo, mas o trabalho foi crescendo e gerou a aula performativa.

Um dia o Fernando chegou e me pediu para eu escolher e dar a melhor aula que eu poderia dar para ele e para a Edith¹⁶. Eu dei duas aulas, uma das cavidades e a outra eu não me lembro qual foi. Eu também dei uma oficina do projeto na Casa Hoffmann¹⁷ e o Fernando gravou esta aula, mas eu não sabia que tinha sido gravada. E neste dia ele também gravou a aula. A Edith editou o áudio da

¹⁵ Fernando de Proença é ator, dramaturgo e diretor na cidade de Curitiba.

¹⁶ Edith de Camargo foi a responsável pela sonoplastia do espetáculo Cinco danças.

¹⁷ Casa Hoffmann é um Centro de Estudos do Movimento em Curitiba.

aula que dei para Fernando e um dia ele chegou com o material. Eu gostei muito de me ouvir e fomos trabalhando aquilo.

Eu tinha várias questões, desejos e dizia que gostaria de fazer uma dança aeróbica. E ele me perguntava “você tem certeza que quer fazer uma dança aeróbica?”. E eu respondia que não tinha certeza, mas que queria me mexer. Eu testava várias coisas, muito da sensorialidade, do cheiro e do olhar lá na Casa Quatro Ventos¹⁸. Muitas memórias vieram de quando eu dançava, da minha vida.

Um dia Fernando me colocou em uma cadeira e eu tinha que dar essa aula sentada. E ao mesmo tempo apareceu a questão do gesto. Mas meu trabalho virou um podcast. Na semana que estávamos no teatro, fomos ensaiar com o microfone e estava dando microfonia e, por isso, teríamos que ir ao estúdio gravar de novo o áudio da aula. Mas eu já tinha me acostumado com o texto, que não tinha sido decorado, mas eu o ouvia, dançava e depois falava no final da cena. Então, comecei a pensar que todo mundo estava usando o microfone e falando em cena e sugeri para Fernando e Edith que eu poderia falar e dar aula ao vivo, em tempo real. Eles adoraram a ideia!

Levei 3 dias testando, criamos uma estrutura para a aula e o corpo foi se alterando. Os gestos eram um pouco mecânicos, mas com a fala e com a mudança de uma cadeira fixa para um banco móvel eles foram mudando. Com a plateia mudou mais ainda, foi se tornando uma coisa viva. O público ria, fazia e se manifestava. Isso me deixou muito feliz!

Como eu não esperava nada, no primeiro dia após a estreia, quando as pessoas vieram me abraçar emocionadas e chorando, elas me deixaram emocionada também. E isso se repetiu nas outras semanas. Isso ficou muito forte! Eu falei para o meu analista que era como se as pessoas estivessem me relendo e eu estivesse revisitando quem eu sou. Indo para trás, para frente, ou no agora. Além de estar também em contato com as outras parceiras, que já são minhas parceiras há quase 30 anos a maioria delas. No dia 30 de maio, quando cada uma foi se apresentar e a gente não conhecia os trabalhos, mas sabíamos algumas coisas por conta das transições entre um solo e outro, foi muito

¹⁸ Casa Quatro Ventos é um espaço cultural multidisciplinar e independente, que realiza, acolhe e promove ações artísticas e culturais em Curitiba.

emocionante! O final, que chamávamos de *Coda*¹⁹, era uma diversão! Ficávamos rindo na coxia e entrávamos rindo na *Coda*.

A produção²⁰ deste projeto também foi impecável e toda a equipe colaborou o tempo todo na criação. Foi uma equipe colaborativa em todas as instâncias e nem vou mencionar os nomes, porque são todos os nomes, desde a criação, figurino, luz e som. Tudo muito impecável e detalhista no dia a dia. Inclusive, eu fiquei bem feliz com o figurino. Eu não gosto de usar vestido, mas a Amabilis²¹ insistiu. Quando eu gostei, mudaram por que o Fernando queria mais pele e me deram uma calça, com a qual eu também não estou acostumada. Mas adorei o figurino final com bota vermelha, mesmo sendo uma mudança bastante radical. Eu me abri para o projeto.

JULIANA ALVES: Muito lindo, Rose, desde quando você se apresentou falando do corpo, das mudanças de lugares, passando por Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e depois seus modos de dança. E te ver dançar lá, cada palavra estava sendo colocada como um gesto e com cada gesto parecia que eu ia para as aulas, já que são muitas que já fiz contigo. Parecia que eu estava vendo você dando aula, mas era uma cena. Foi um eco de presenças, já que as pessoas que estavam lá também já tinham feito aula contigo. Era um uníssono de pessoas que já tinham ecoado aquele gesto junto contigo.

E foi um salto temporal como se eu estivesse passando por momentos e vivências com a dança. Eu me via nos conceitos, no modo como você abordava e apresentava aqueles conceitos e aquelas descobertas que a aula trazia. Eu me reconectava com as pessoas na plateia e ressoava a dimensão e a extensão de corpos que seu trabalho tocava e que estavam ali te prestigiando.

Para mim foi muito fácil ver aquele trabalho de 15, 20 minutos, mas é um trabalho de uma vida concentrado e incorporado ali como corpo e pensamento. Sempre percebo que a dança se estende a muitos campos de atuação e eu aprendo muito contigo. Ao ouvir você falando que foi um momento de abertura, eu percebi

¹⁹ *Coda* é um termo francês que no balé clássico significa uma parte da obra que conclui um bailado ou um espetáculo.

²⁰ Este projeto foi realizado pelo Rumo de Cultura.

²¹ Amabilis foi a figurinista responsável pelas roupas da obra Cinco danças.

que esta é a essência do que eu aprendo contigo: estar sempre aberta para o movimento, para a dança.

Como foi dar corpo e trazer para a cena um pensamento de corpo que contempla tantos corpos? Para mim é muito forte pensar que a tua dança tem essa replicação, que é um pensamento de corpo e uma atuação que replica e que está ali sendo representatividade de muitos corpos.

ROSEMERI ROCHA: É bonito isso que você traz. Primeiro porque eu não esperava que as pessoas fossem fazer aula e eu não enxergava as pessoas na plateia já que a luz no palco era muito forte. E todo mundo chegava e me contava que as pessoas começavam a fazer a aula, começavam a se mexer e faziam barulho nas poltronas. E todo dia me contavam isso. Algumas pessoas riam e eu ria junto. O Fernando dizia para eu usar a simpatia (risos). Algumas pessoas também diziam que eu era engraçada. Esse retorno das pessoas me fez viver essa troca em tempo real.

Não sei se foi na segunda ou terceira semana, mas teve um dia que eu enxerguei todo mundo, parecia que eu estava na plateia, porque eu estava muito misturada e envolvida com as pessoas. Eu acho que foi crescendo o trabalho, mas acho que também tem a ver com a própria pesquisa, que fala da sensorialidade e dos sentidos da percepção. E às vezes você entra nervosa, às vezes está cansada ou emotivamente alterada e precisa lidar com isso. O movimento, além de se potencializar, foi me dando potência. Aquela questão do aeróbico apareceu então no momento final da bateria e, depois, foi mudando e eu já não conseguia fazer o que eu fazia antes. Eu sentia vontade de ficar mais tempo, mas a música ia acabando e eu precisava levantar em prontidão.

Mas eu acho que tem a ver com essa sensorialidade como eu falei e também com os aspectos e o contexto desse corpo, que é a enação. Não é só o físico que está movendo, você não está simplesmente fazendo o movimento. Enquanto move, você está colocando para fora emoção e sentimentos que estão mexendo com você naquele momento. E eu senti isso desde a primeira vez que eu fui para o palco fazer a fotografia. Eu sentia que precisava jogar para fora muita coisa presa desses tempos de não dançar.

Eu tenho um trabalho que veio do Foz, o Corpo do Meio, no qual desde 2019 eu estou trabalhando, mas que ainda não foi amadurecido para ir para uma cena, a não ser mostras do próprio processo. A questão da direção e da produção te coloca nesse lugar da apresentação. É o contexto, e já que ele mudou (o contexto), mudou o aspecto e isso mexia muito com meu emocional, por que eu escutava a minha voz e a voz tinha um movimento que a Edith criou, que ela ficava em vários lugares do teatro. A voz ressoava.

O que as pessoas me deram de retorno também foi muito importante. Creio que a questão da enação, dos aspectos desse corpo e do atravessamento das emoções, das sensações, dos pensamentos, das memórias e das recordações com esse contexto, que não era uma sala de aula, mas uma aula performativa, foi o ponto de partida. É a corporalização das coisas, da vida, dos conceitos e da própria pesquisa, que eu sempre vejo no corpo do aluno e do artista com quem eu trabalho. Mas há muito tempo, acho que desde 2019, onde eu quis ir para o Corpo do Meio com a Lívea²², Peter²³ e Fernando, eu tinha essa vontade de mover. Eu sou uma pessoa que trabalha com muitas pessoas, instigando o movimento. Move, move, dança, improvisa, improvisa e eu quase não faço isso.

JULIANA ALVES: Eu achei lindo! E te ouvindo agora com mais consistência, corpo, história, memória e esse lugar de trânsito, porque era uma aula performática e você estava ali como professora, bailarina, amiga e como tudo de várias pessoas. E também como essa profissional e artista da dança com generosidade de partilhar todas essas percepções e sensações que teu corpo estava atravessando com todos estes modos de atuação.

Teve um momento de esquecimento com um gaguejar, que soa engraçado para quem te conhece muito nesse lugar de intimidade. Todas estas palavras e gestos são afetos. E por ser algo tão íntimo, tão cúmplice, estando ali trocando vivências e experiências, percepções de corpo e partilhando um conhecimento, sendo um conhecimento para construir o corpo do outro também, cria um lugar para te ver trabalhando para que esses lugares de atuação estivessem ali de corpo inteiro.

²² Artista da dança que reside em Curitiba.

²³ Artista da dança que reside em Curitiba.

PAULA PETRECA: Eu fico aqui um pouco no escuro, porque eu não assisti o espetáculo e não tenho todas essas informações de contexto que vocês estão trazendo, das relações entre as pessoas e as trajetórias. Mas tudo isso me traz uma curiosidade em relação ao que vocês estão compartilhando sobre a performatividade da docência também no campo da arte.

Eu trabalhei em muitos projetos como coordenadora pedagógica e em muitos lugares eu sentia essa cisão do momento em que a pessoa se inclina para a docência, como se o capítulo arte tivesse finalizado e a docência fosse um outro capítulo. Algumas pessoas de maneira mais fluída e respeitosa e outras como uma ruptura mesmo. Então, quando eu ouço o que vocês estão compartilhando eu sinto algo inspirador para todo artista-docente pensar sobre essa performatividade. E sinto na tua experiência e no teu fazer, Rose, um lugar muito interconectado, sem essa divisão de capítulos entre as coisas. Então, fico curiosa para assistir o Cinco Danças.

ROSEMERI ROCHA: Isso que você está falando é bem importante. Atualmente, eu estou em um cargo de gestão há alguns anos, e estou dando poucas aulas. Eu tenho o UM, tenho uma aula na graduação e uma na pós, e eu tenho falado que entrar em sala de aula atualmente é muito bom, é um prazer! Por que eu saio um pouco daquele lugar mais duro, que é outro contexto, onde lido com prazos, documentos, questionamentos e demandas gigantescas.

Quando eu vou para o UM na segunda e quando eu vou dar aula, inclusive eu falei ontem para os alunos do 3º ano que o mínimo que gera já é muita coisa para a gente analisar. Não precisa dar grandes conteúdos, muitos textos. Por exemplo, nós trabalhamos com dois textos em um semestre e com vários procedimentos, sendo que alguns se repetiam, e mudou muito o corpo dos alunos que estão em uma turma de 30 alunos, praticamente.

Eu dou aula com o Danilo²⁴, e no começo ele comentou que os alunos estavam com muito problema em relação ao espaço, porque ficaram dois anos na pandemia fazendo aula em casa. E ontem percebemos o quanto a turma cresceu de movimento, espacialidade e soltura. Nós trabalhamos as estratégias do olhar, espaço, dimensões e conexões do corpo. E eu tento levar isso para a gestão,

²⁴ Artista da dança em Curitiba e professor PSS do curso de Dança da UNESPAR/FAP.

para não ficar enrijecida e não ficar dura. A tua relação com o outro muda também o modo como as coisas vão se encaminhar. Então, eu acho que é um aprendizado.

MARIAH SPAGNOLO: Eu fiquei aqui te ouvindo, Rose, e me veio muito a mostra comemorativa que produzimos no ano passado (2021) pelos 35 anos do grupo, onde na abertura tiveram pessoas de cada geração falando sobre a história do grupo e sobre a tua importância, e como você acolhe. A sua presença é sempre atenta à relação, ao espaço seu e do outro e a como construir as coisas de modo colaborativo é importante para que o grupo cresça e se mantenha sempre aberto para receber pessoas de fora especialmente.

Eu te assisti no último dia do Cinco Danças e eu me senti em um ciclone. Parecia que eu estava em um movimento girando e que englobava o entorno com força. Eu me reconheci muito, me atualizei e lembrei de quando te conheci e fui fazer a aula no UM e estava na dúvida se ficaria ou não no grupo. E você, com esta energia de trazer para perto, me convidou para estar junto e continuar. E eu continuei e nunca mais sai.

Então, queria te perguntar, pensando nessa mostra que aconteceu e considerando que você já está há 22 anos no UM como diretora, mais os anos como bailarina, qual é a importância do UM na sua trajetória como artista? Como isso ressoou no Cinco Danças?

ROSEMERI ROCHA: Eu fico pensando, a cada ano com tantas coisas que eu faço, porque eu continuo no UM. Eu sempre tenho vontade de passar isso para alguém, mas nunca ninguém quis pegar. Além de um projeto, ele é um grupo cultural, porque ele tem essa característica de desdobramentos. Eu não sou o pivô que manda em tudo, tem o modo como trabalhamos com propositores, colaboradores e vários núcleos, inclusive no remoto. Fizemos mostra dois anos seguidos, tiveram várias ilhas com colaboradores de outros estados, que permanecem agora junto com o presencial também.

Eu acho que na primeira conversa com a Eleonora²⁵ me fizeram uma pergunta que me fez pensar. Por quê eu faço as coisas? Eu vou fazendo! Desde quando

²⁵ Eleonora Fabião foi convidada para a Conversa Sem Fim que aconteceu com as artistas do Cinco Danças, após a sessão do dia 19 de junho.

eu quis vir morar em Curitiba porque o meu tempo já tinha dado em Floripa. Eu queria sair de lá, queria morar fora e queria um monte de coisa. Eu fui fazendo. E eu sou muito pelo que eu vou percebendo e sentindo. Tanto que às vezes perguntam se tem alguma coisa que eu não gostei de fazer, ou fiz errado, ou me culpo por algo do passado. Eu digo que nem sei sobre isso. Eu não fico pensando muito se eu deveria ter feito isso ou aquilo, sabe? Eu sou muito feliz com as minhas escolhas e também tenho muita gratidão, porque logo quando me formei consegui dois empregos, sou hoje uma funcionária pública e nesses lugares sempre fui bem atendida.

O UM começou em 2000 comigo, e eu estava na FAP desde 1991, ou seja, já estava há quase 10 anos na FAP. Só que ele foi o lugar onde eu não trabalhei como bailarina. No UM eu comecei a ver uma coisa que eu queria botar para fora, uma coisa que estava segurando já há um tempo, que é a questão da dança, de dançar, de fazer, improvisar. A gente propõe muitas coisas, improviso, dança e música, propõe isso, propõe aquilo e muitas vezes eu não faço por que não me sinto a vontade de fazer. E o “Cinco danças” me colocou nesse lugar muito a vontade, de fazer e de usar um vestido que eu sempre tive muita resistência, por exemplo.

Então, o UM é esse lugar dos testes que apresentam pistas. É esse lugar de olhar e propor para uma pessoa que não sabe dançar, já que a maioria das pessoas que entram no UM não são da dança, são pessoas da comunidade. Quando eu falo da dança, tem duas ou três pessoas da dança e o resto do grupo todo sempre é de outros cursos e da comunidade, da psicologia, da fotografia, das artes visuais, e tem um engenheiro esse ano. O UM é o lugar da pesquisa, do sentir, de descobrir e focar na questão do corpo, da sua anatomia e da sua fisiologia, antes de conhecer o *BMC*²⁶ inclusive.

Eu fiquei pensando de onde veio isso, porque eu queria fazer medicina. Eu estudei cinco anos para fazer medicina e não passei em Florianópolis, e depois disso que eu resolvi fazer dança. Às vezes me perguntam: de onde vem isso da anatomia? Eu sempre gostei de biologia, então veio e foi vindo. E isso do foco

²⁶ O *Body-Mind Centering*SM (*BMC*SM) é uma abordagem integrada para a experiência transformadora através da reeducação e repadronização do movimento, desenvolvida pelaestadunidense Bonnie Bainbridge Cohen.

do corpo e de olhar para essas diferenças, apareceu quando eu comecei a dar aula no Guaíra ao olhar para aqueles corpos longilíneos e me perguntar como desconstruir aqueles corpos com a improvisação. Eu fui aprendendo como estagiária, depois como professora de dança moderna, dança contemporânea e depois na faculdade e no UM.

O UM é um lugar que não tem uma seleção, a pessoa entra se ela tem vontade e interesse de entrar no grupo. A coordenação, o processo de criação, as coisas todas que vão surgindo, as pessoas que chegam, os colaboradores da dança, do teatro, da performance, das artes visuais que têm vontade de criar, isso tudo vai gerando novidade e aprendizado. Com isso eu aprendo muito. Eu vejo o UM como um lugar de uma ideia de corpo que se abre, que é o nome mesmo UM, para vários aspectos e contextos, e de todas as possibilidades que se agrupam em uma coisa só, que é o lugar da dança e do movimento do corpo.

Eu acho que o UM foi o responsável por essa potência de criar corpo para ir para o corpo. Criar corpo para ir para o corpo no Cinco Danças e olhar as outras danças das parceiras e ver que cada uma tem uma dança, cada uma tem uma diferença que é movimento, que é corpo, que é história e memória. Isso foi muito importante para mim e é essa relação que eu faço com o UM e com essas diferenças que produzem potência e se potencializam nessa produção.

MARIAH SPAGNOLO: As artistas que participaram com você no Cinco Danças também passaram pelo UM de alguma forma e estiveram presentes na história do grupo. Como você percebe o grupo como um lugar de formação de artistas no cenário de Curitiba? E como você entende o papel do UM no contexto cidade?

ROSEMERI ROCHA: O UM é um lugar de trânsito, onde as pessoas entram, saem, voltam para dançar, voltam para propor e entram porque têm a necessidade de conhecer a linha. E estando ali e tendo essa experiência também conhecem outras pessoas ali dentro. As pessoas também vão dançar outras coisas em outros grupos e depois voltam. As pessoas saem e vão fazer mestrado, doutorado, outra faculdade e voltam.

Eu vejo como um lugar de trânsito e referência. Eu acho que o UM é uma referência artística, uma referência de formação, uma referência de grupo e de coletivo. Eu sempre falo que não é uma companhia e não tem caráter de

companhia. É um grupo que fica ali por determinado tempo, mas as pessoas que ficam, por exemplo você, Mariah, está há um tempão, a Juliana ficou um tempão, voltam para assistir e dizem que levam algo consigo. E é muito bonito isso que acontece, que o grupo é transitório e ao mesmo tempo constrói ramificações do próprio UM e das pessoas que participam.

JULIANA ALVES: Essa última coisa que você falou, de muitas coisas que a gente já conversou e de vivências que eu tive com o grupo, sobre a necessidade de olharem o UM como uma companhia, e você se posicionando sempre em persistir e resistir na potência de cada indivíduo que faz o grupo naquele contexto e naquele momento. E a intolerância em entender que o grupo se mantém assim, que a identidade do grupo é essa, que é esse movimento de existência.

O que o grupo de dança faz? Ele acolhe, ele abre, ele é aberto para a comunidade, ele é aberto para diferentes corpos, ele é aberto para diferentes produções e para diferentes lugares de atuação. Você pode entrar propondo, fazendo aula, dançando ou fazendo música. Quanta relevância tem esse espaço, tratando-se de dança para a comunidade.

MARIAH SPAGNOLO: Eu acho que eu e a Ju, e a Ju mais do que eu, escutamos você várias vezes dando aulas e falando coisas muito parecidas, mas é sempre muito bom te ouvir, por que sempre vem com um frescor. Talvez por essa sua abertura, não só na sua atuação no grupo, mas também como artista e, como você disse, a sua própria maneira de se colocar no Cinco Danças, acolhendo e estando aberta para as coisas que aconteceram. A sua fala sempre vem atualizada e isso dá uma esperança de que as coisas podem, assim como o grupo, manter esse caráter e essa referência, tendo essa maleabilidade, acontecendo em movimento.

JULIANA ALVES: A Rose falou desse fazer muitas coisas e às vezes voltar para a sala de aula mostra o quanto que o aluno já demanda aquilo que precisa ser aprendido. Eu, com essa coisa do materno, percebo muitas vezes o lugar da mãe que se excede ao apresentar o mundo daquela forma que ela acha que precisa ser. E às vezes ela precisa aprender a falhar e a sair de cena. Acho que também percebo o aprendizado, ao ver a sua atuação, seja como gestora de um curso ou como professora, de quantas vezes é preciso se retirar para ver o que

é a potência daquele encontro e o que é a potência daquele lugar de aprendizagem.

Desde já agradeço a Mariah como mediadora dessa conversa, Paula parceira e Rose, que disponibiliza seu tempo e sua generosa partilha dessa vida na dança e dessa construção de pensamento que muito me afeta e me constitui. Se eu estou aqui hoje fazendo esse podcast foi porque teve abertura para pensar que a dança pode estar aqui também!

ROSEMERI ROCHA: Eu agradeço o seu convite junto com a Paula. Para mim foi um prazer falar sobre a vida, sobre a dança e sobre o movimento. Eu me senti bem acolhida por vocês. E agradeço a Mariah também como convidada e participando desse momento. Eu fiquei muito emocionada e fiquei pensando sobre acolhida, ao olhar para vocês e ver a alegria no rosto de vocês, nos olhos de vocês e de como isso é bom.

Desejo que o programa de vocês continue. Eu acho que é muito importante ouvir o artista com esses ruídos todos da conversa em si. Parabéns e sucesso para vocês três!

Recebido em 14/08/2022, aceito em 02/11/2022